

UMA ANÁLISE SOBRE A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA E LINGUAGEM NA FALA DAS PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Fátima Maria Elias Ramos –
Universidade Federal de Campina Grande/Universidade Federal de Pernambuco¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é analisar como professoras da EJA compreendem os conceitos de língua e linguagem contidos na Proposta Curricular do MEC e da Ação Educativa para a Educação de Jovens e Adultos, elaborada em 1997. Do ponto de vista metodológico, os dados empíricos provêm de entrevista realizada com essas profissionais, na modalidade semi-estruturada, tendo por base um roteiro de questões acerca da alfabetização. Inicialmente, cada entrevistada comentava de forma geral essa proposta, em seguida, indagava-se sobre questões pontuadas neste documento relacionadas ao ensino da leitura e da escrita aos alunos não escolarizados ou com pouca escolaridade. Fundamentam o trabalho a teoria da enunciação, por meio dos postulados de Bakhtin, particularmente no que se refere à tese do dialogismo que se baseia no princípio constitutivo da linguagem em sua relação com o outro e no estudo do discurso de outrem – uma enunciação sobre a enunciação. Baseia-se também na perspectiva de François, levando-se em conta a diversidade de modos de recepção, os modos como um texto é recebido por uma coletividade ou um receptor preciso. Os dados revelam que, ao buscar compreender a concepção de língua e linguagem contida na proposta, as professoras utilizam esquemas de retomada diferentes, tais como: redução, supressão, acréscimo de idéias, repetição de itens lexicais, repetição de pequenos fragmentos e criação da enunciação de outrem. Nesse sentido, os resultados indicam que há, no dizer das professoras, uma diversidade de formas de retomada do discurso de outrem. Isso aponta para a importância de incluir na formação dos professores de língua materna diferentes abordagens teórico-metodológicas sobre ensino-aprendizagem de língua(gem), posto que, para realizar sua prática pedagógica, os professores precisam conhecer seu objeto de estudo.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Concepção.

Introdução

Em minha prática docente, tenho percebido que os alunos chegam à Universidade, mais precisamente, ao Curso de Letras, no qual leciono, apresentando equivocadamente concepção de língua, linguagem, leitura e escrita. Para a maioria deles, língua é o ensino de gramática da Língua Portuguesa, isto é, o ensino das normas do Português para se escrever bem; linguagem tem relação com o pensamento; leitura é a decodificação de um texto escrito e o ato de escrever se traduz pela reprodução em forma de colagem dos textos lidos. Esta constatação é

¹ Docente da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande/UFCG, Campus de Cajazeiras-PB; doutoranda em Lingüística na Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, Recife-PE, tendo como orientadora a Prof^a Dr^a Dóris de Arruda C. da Cunha.

extensiva também a alunos de outros cursos de graduação, bem como a professores que atuam no ensino fundamental, médio e até no superior.

Como coordenadora do Núcleo de Educação de Adultos e Oficina Pedagógica - NEAOP – órgão vinculado ao Centro de Formação de Professores – *Campus* de Cajazeiras-PB da UFCG, assessorei e ministrei cursos de extensão aos professores alfabetizadores de projetos e programas de alfabetização de jovens e adultos. Nesses cursos, constatei o escasso conhecimento desses profissionais em relação aos fundamentos e objetivos da área de Língua Portuguesa, bem como às contribuições dos estudos e pesquisas da Lingüística para o ensino-aprendizagem da leitura e da escrita.

Evidentemente, essas limitações são resultantes de uma escolaridade marcada pela complexidade de diversos fatores. Entre eles, destacam-se as políticas educacionais brasileiras quase sempre equivocadas, inadequadas, em que as leis educacionais são cumpridas parcialmente; acrescentam-se a esse quadro problemas com a formação e a péssima remuneração dos professores brasileiros, entre tantos outros.

Diante dessa realidade, elaborei o meu projeto de pesquisa para o doutorado tendo como tema de estudo: *Discurso das professoras da Educação de Jovens e Adultos sobre a proposta de Língua Portuguesa*. Para este trabalho, escolhi, dentre os objetivos traçados, apenas o que se segue: *evidenciar as concepções de língua e linguagem no dizer das professoras da Educação de Jovens e Adultos*.

Concepção de língua(gem): um breve recorte histórico

Nos Cursos de Letras, tem-se discutido as concepções de língua e de linguagem, que perpassam a história da humanidade. De modo geral, os autores apresentam três: linguagem como expressão do pensamento, linguagem como instrumento de comunicação e linguagem como forma ou processo de interação.

Do ponto de vista da lingüística estrutural, destaco aqui a visão de Saussure (2006: 17-22). Esse lingüista distingue a concepção de linguagem, língua e fala, da seguinte forma: a) a linguagem é de natureza heterogênea, portanto, é multiforme e heteróclita, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, além disso, pertence ao domínio individual e social. Para esse autor, devido às dificuldades em inferir sua unidade, de não classificá-la em nenhuma categoria de fatos humanos, a linguagem não pode ser o objeto da Lingüística; b) a língua é um produto social da linguagem, constitui algo adquirido e convencional, compõe-se de um sistema de signos aceitos por uma comunidade lingüística. Esse sistema é homogêneo, estável, social, representado em termos de relações de oposição e de regras; c) a fala é um ato individual de vontade e inteligência do indivíduo que usa a língua, é acessória e mais ou menos accidental.

Com base nessa compreensão, Saussure (2006: 28) define que a Lingüística propriamente dita é aquela cujo único objeto é a língua. Esta opção teórica é compartilhada pelos estruturalistas, conhecidos também como formalistas, descritivistas. Eles se interessam apenas pelo estudo do sistema da língua, excluindo, portanto, os aspectos sociais, culturais, históricos, ideológicos que interferem no seu uso.

Da visão estruturalista decorre a concepção de língua como código, como

instrumento cuja função é a comunicação humana por meio do qual um emissor comunica a um receptor determinadas mensagens. Essa concepção recebeu também influência dos trabalhos da engenharia de telecomunicações que descreviam os processos físicos de transmissão de informação.

Diferentemente dos teóricos estruturalistas, Bakhtin (1986) escolhe como objeto de estudo a linguagem em uma perspectiva sociointeracionista. Afirma que é o fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações, que constitui a realidade fundamental da linguagem, compreendida pelo princípio dialógico: “a palavra constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro” (BAKHTIN, 1986: 113). Nessa concepção, o ser humano usa a linguagem para agir no contexto social, pois língua e linguagem são concebidas como atividades interativas, como forma de ação social, como espaço de interlocução possibilitando a prática social dos mais diversos tipos de atos.

Nessa direção, Cunha (2004) enfatiza que a linguagem se caracteriza pela sua diversidade de funcionamento, de modos de significar, ou seja, ela é constitutiva, pois os sujeitos e as relações sociais se constituem na e pela linguagem.

Em relação à concepção de língua, Bakhtin afirma que ela é uma abstração quando concebida isolada da situação social que a determina. Para o autor, “a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema lingüístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN, 1986: 124).

Aportes teóricos e metodológicos

Para analisar o discurso das professoras da EJA acerca da concepção de língua e linguagem, tomando por base a leitura de um dos capítulos da Proposta curricular do MEC e da Ação Educativa, fundamentei-me teoricamente nas idéias de Bakhtin (1986; 2002; 2003), François (1998) e Cunha (2004; 2006).

Em **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, Bakhtin e Volochinov (1986) afirmam que a enunciação é de natureza social, por isso é produto da interação social. Para esses autores, o centro organizador da enunciação não é interior, mas exterior, está situado no meio social, nas relações sociais. Essa concepção revela que a enunciação é impregnada da fala do outro; a presença do interlocutor, como participante ativo do discurso, é tão importante quanto a presença do locutor, pois é em virtude da presença do interlocutor que o locutor toma a palavra.

Essa formulação permite compreender, com mais clareza, o conceito de discurso em Bakhtin (2002: 88-89): “o discurso nasce no diálogo como sua réplica viva, forma-se na mútua-orientação dialógica do discurso de outrem no interior do objeto. A concepção que o discurso tem de seu objeto é dialógica.” Em **Estética da Criação Verbal**, ao expor sobre os gêneros do discurso, Bakhtin (2003: 274) assegura: “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir.”

Ao discorrer sobre o *discurso de outrem*, Bakhtin e Volochinov (1986: 144) afirmam que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na

enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação”. Nesse capítulo, esses autores apontam também o equívoco dos pesquisadores que se debruçaram sobre as formas de transmissão do discurso de outrem: tê-lo divorciado sistematicamente do contexto narrativo. “O objeto verdadeiro da pesquisa deve ser justamente a interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo. [...] Essa dinâmica, por sua vez, reflete a dinâmica da inter-relação social dos indivíduos na comunicação ideológica verbal” (BAKHTIN; VOLOCHINOV, 1986: 148). Nessa perspectiva, a postura teórica desses autores é de fundamental importância para os estudos enunciativos, uma vez que explicita a necessidade de se olhar para a dinâmica da interação sob o prisma dessas duas dimensões.

Para François (1998 apud CUNHA, 2006: 7), é preciso analisar a diversidade de textos, considerando também a diversidade dos modos de recepção, os modos como um texto é recebido por uma coletividade ou um receptor. Segundo esse autor, a recepção se faz necessariamente como movimento ou combinação de movimento, do ritmo próprio do texto, da nossa leitura, dos diferentes modos de remissão a um exterior do texto, a outros temas, enfim, outros mundos.

Na concepção de Bakhtin (2003: 326), “o enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular, [...]. Todo o dado se transforma em criado.” Postular isto significa admitir que o discurso das professoras, tendo por base a leitura da proposta, poderá ser constituído ora retomando, mencionando, omitindo o já-dito, ora criando, construindo outro(s) discurso(s), já que, para Bakhtin (1986: 113), “através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros.”

Para a realização deste trabalho, a metodologia utilizada foi a seguinte: os dados empíricos foram coletados em entrevista com seis professoras que se dispuseram a fazer a leitura de um dos capítulos do documento oficial, elaborado em 1997, conjuntamente pelo MEC e pela Ação Educativa, intitulado **Educação de Jovens e Adultos: Proposta curricular para o 1º segmento do ensino fundamental**. O capítulo lido por elas trata dos Fundamentos e Objetivos da Área de Língua Portuguesa. Em relação à fala das professoras, essas foram transcritas de acordo com as Normas para Transcrição do NURC/São Paulo-SP (Projeto da Norma Urbana Culta), em Preti (2002). Para este artigo, recortei do *corpus* da pesquisa somente os dados referentes ao objetivo selecionado.

Por reconhecer o caráter interativo da linguagem e sua natureza sócio-histórica, analiso fragmentos do discurso das seis professoras (de agora em diante **DP₁**, **DP₂**, ..., **DP₆**), tendo como foco não o evento em si, mas as relações dialógicas, compreendidas como relações de sentido inerentes a todo e qualquer enunciado.

Significado de língua e linguagem na Proposta do MEC e da Ação Educativa

Esse documento oficial constitui subsídio à elaboração de projetos e propostas curriculares a serem desenvolvidos por organizações governamentais e não-governamentais, adaptados às realidades locais e necessidades específicas.

Segundo Ribeiro (1997: 14-17), as orientações curriculares apresentadas nessa proposta referem-se à alfabetização e pós-alfabetização de jovens e adultos,

cujo conteúdo corresponde à primeira fase do ensino fundamental. Portanto, trata-se de um subsídio para a formulação de currículos e planos de ensino, que devem ser desenvolvidos pelos professores conforme as necessidades e objetivos específicos de seus programas.

Em que consiste a proposta? O primeiro capítulo traça um breve histórico da EJA no Brasil, no qual se destacam soluções e impasses pedagógicos gerados nas práticas de alfabetização. O capítulo seguinte é dedicado à exposição de alguns fundamentos nos quais se baseou a formulação de objetivos gerais para essa proposta. Os capítulos seguintes são dedicados ao desdobramento dos objetivos gerais em conteúdos e objetivos específicos. Eles estão organizados em três áreas: *Língua Portuguesa, Matemática e Estudos da Sociedade e da Natureza*. Para cada área, são definidos blocos de conteúdos com um elenco de tópicos. Para cada tópico há um conjunto de objetivos didáticos que especificam modos de abordá-los em diferentes graus de aprofundamento. Finalmente, o último capítulo trata do planejamento e da avaliação. Nele encontram-se sugestões de como planejar unidades didáticas e são sugeridos também critérios de avaliação. É importante registrar que, em todos os capítulos, há notas com indicações bibliográficas para os professores que desejam aprofundar-se em temáticas específicas.

Para a entrevista, as professoras leram apenas o capítulo que trata da área de Língua Portuguesa que abrange o desenvolvimento da linguagem oral e a introdução e desenvolvimento da leitura e da escrita. Na introdução dos fundamentos e objetivos dessa área, encontra-se, nesse documento, a seguinte afirmativa sobre a concepção de língua e linguagem:

Nossa **língua** é o principal instrumento que temos para interagir com as outras pessoas, para termos acesso às informações, aos saberes, enfim, à cultura da qual fazemos parte. A importância da **linguagem** para os seres humanos não reside só nas possibilidades de comunicação que encerra. Por ser um sistema de representação da realidade, ela dá suporte também a que realizemos diferentes operações intelectuais, organizando o pensamento, possibilitando o planejamento das ações e apoiando a memória (RIBEIRO, 1997: 51, grifo meu).

Essa proposta curricular sugere também aos professores que as atividades de análise lingüística estejam voltadas para a reflexão sobre a produção do texto, ajudando os alunos a melhorarem cada vez mais a forma de escrever.

Língua e linguagem no dizer das professoras

Inicialmente, observei que o conceito de língua e linguagem, contido no capítulo da proposta curricular do MEC e da Ação Educativa, advém da perspectiva estruturalista e de pinceladas do sóciointeracionismo, sem nenhuma justificativa. Não há, portanto, explicação teórica sobre essa escolha e nem alusão às reflexões da Lingüística voltadas para essa temática.

Neste exercício de analisar a concepção de língua e linguagem no dizer das professoras da EJA, com base na leitura da proposta, portanto, de um discurso já-dito, observei que cada professora, em sua enunciação, compreende esse conceito ao seu modo. Destaco também, nesse contexto, as condições de produção

presentes na “interação dinâmica dessas duas dimensões, o discurso a transmitir e aquele que serve para transmiti-lo”, conforme palavras de Bakhtin e Volochinov (1986). Assim, em:

DP₁, “a linguagem eu entendo assim... que a linguagem ela...precede... a fala”. Justificando seu argumento, afirma que “mesmo sem falar... existem várias formas de linguagem né? linguagem da expressão a linguagem... éh::: do/do sentir existe a linguagem eu acho que a linguagem precede a fala...”. Verifiquei insegurança em sua afirmativa, principalmente com o uso de pausas, da expressão “eu acho”, além disso, sua concepção sobre linguagem revela também desconhecimento teórico acerca desse tema.

Em relação à concepção de língua, essa professora diz: “e a língua eu já entendo como a fala... a língua como a expressão da fala... emitir... a fala...”. Aqui, utiliza o advérbio já para assegurar seu entendimento, no entanto, retoma o seu conceito de linguagem, usando o verbo acreditar: “agora a linguagem eu/eu acredito que ela precede...a...a fala e que é uma forma de se comunicar... a linguagem é um meio de se comunicar... de interagir com as pessoas...”.

Ao comparar esse discurso com a definição de língua e linguagem presente na proposta, pude observar que essa professora retoma, somente alguns itens lexicais da proposta e, nessa retomada, troca inclusive termos que estão no conceito de língua e utiliza em sua definição de linguagem. Na proposta, “língua é o principal instrumento que temos para interagir com as outras pessoas”, no dizer da professora, “a linguagem é um meio de se comunicar... de interagir com as pessoas.” Esse movimento de retomada revela que a professora, em seu dizer, tanto suprime como modifica a concepção da proposta. Em seu discurso, a professora não menciona a concepção lida, enfim, não tece comentários críticos sobre esses conceitos.

Para **DP₂**, “falar de língua e linguagem... é bastante difícil e complexo... até prá área da lingüística... até para os estudiosos da área...”, daí, ela interroga: “então como é que eu concebo a língua”? Ela repete várias vezes o termo “concebo”, entre pausas, “eu concebo a língua... concebo... concebo eu”, depois, define língua como: “o principal instrumento que a gente tem prá se comunicar com o mundo... prá se comunicar com as pessoas prá interagir realmente com o outro...”. Aqui, a professora repete em sua definição fragmentos da concepção de língua contida na proposta.

Quanto à linguagem, declara: “e a linguagem... é justamente esse conjunto de/de representações que a gente utiliza e que dá suporte... é o que dá suporte é o que vai fazer com que a nossa língua se realize...”.

Ao afirmar que conceber língua e linguagem é muito difícil, notei que essa professora retoma, parcialmente, em seu discurso, a definição desses termos presentes na proposta, embora não a mencione. Observei também que ela usa a expressão coloquial “a gente”, ao invés do uso da 1ª pessoa do plural “temos”, como se encontra no documento.

Desse modo, a concepção da proposta é retomada por ela de forma reduzida, incompleta, além disso, ela repete itens lexicais da proposta sem definição, como “esse conjunto”, “representações”, “suporte” etc.. Também não faz comentários teóricos sobre a concepção contida na proposta. A professora retoma o discurso da proposta por meio da repetição de itens lexicais, repetição de pequenos fragmentos, bem como faz redução e supressão de idéias.

Fazendo uso de muitas pausas, **DP₃** diz apenas: “na minha concepção lín:::gua é a língua que nós falamos né? éh::: o português... e a linguagem éh::: as

formas que elas são utilizadas né? a linguagem... na oralidade na escrita e a... presença () também é:: das gravuras das figuras né? das obras de arte tudo são formas de linguagem”.

Constatei, no dizer dessa professora, que ela concebe língua como o idioma português e linguagem como formas verbais e não-verbais. Não faz nenhuma menção ao documento oficial, não utiliza termos ou expressões do mesmo, ou seja, omite qualquer referência à leitura da proposta. Ela recorre a um outro conhecimento, ainda que (ou tão somente) relacionado ao senso comum.

Observei que essa professora faz supressão das idéias contidas na proposta, expressa o seu ponto de vista sobre a concepção de língua e linguagem sem retomar o discurso da proposta.

Para **DP₄**, a língua deve ser concebida de três modos: (1) língua como interação: “claro a língua é é interação através da língua nós podemos nos comunicar... a língua é a maior a/a/ maior manifestação é o maior recurso de poder que nós temos... né? nós podemos não ter praticamente nada mas nós temos a língua...”; (2) língua como instrumento: “através da língua nós conhecemos uma cultura nós conhecemos o povo nós podemos interagir...é como aconteceu com os portugueses quando chegaram aqui né?... eles começaram a/a estudar a língua do a... perceber as características da da língua indígena prá poder ter um contato...”; (3) língua como representação: “... a língua ela... ela retrata né? as características de um povo a cultura ela denuncia uma classe socialé::... os valores de uma sociedade... enfim através da língua tanto oral como escrita nós podemos fazer uma comunicação no mundo né?... os países as nações entram em em acordos... éh/éh::acordos de pacificação... a língua é muito importante por causa disso.”

No dizer dessa professora, constatei que ela não menciona a proposta lida, apenas repete alguns termos lexicais ali contidos como: instrumento, interagir, cultura. Essa professora, à sua maneira, cria o seu processo de enunciação ao expressar a sua concepção de língua sob os três modos diversos, explicitados anteriormente.

Desse modo, a professora retoma o discurso da proposta acrescentando suas idéias, seu ponto de vista sobre língua, ou seja, ela singulariza esse dizer, construindo, criando, acentuando a sua enunciação.

No tocante à concepção de linguagem, a professora diz: “sim a linguagem enquanto manifestação... da... qualquer manifestação né? seja escrita... verbal... linguagem verbal não-verbal então a linguagem é muito mais do que ... a língua né? a língua é apenas um recurso e... a linguagem é importante né? no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos né? bem como para as manifestações... psicomotoras... certo?”

Em seu discurso, a professora explicita a hierarquia da linguagem em relação à língua, além disso, ao afirmar que a língua é apenas um recurso, ratifica sua concepção de língua como instrumento de interação e de representação. Em se tratando da superioridade da linguagem, a professora deixa claro que se faz presente em qualquer manifestação: escrita, verbal, não-verbal, por isso ela é importante no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos. Nessa concepção de linguagem, a professora omite qualquer referência à proposta lida, em seu discurso, ela acrescenta outra concepção de linguagem, por isso, faz supressão das idéias contidas no discurso da proposta acerca da linguagem.

Em sua concepção, **DP₅** afirma: “língua eu acredito que é o que falamos né?... é tudo que falamos éh:: assim de... em sala de aula... éh:: fala... que através da fala a gente pode escrever né?... então eu acho que a língua é uma:: é a coisa

mais importante né?” Já “a linguagem?... a linguagem pra mim é o desenvolvimento né? de cada... pessoa... não é? Cada pessoa tem sua maneira de falar né?”.

Essa professora também não faz nenhuma referência à proposta lida. A crença dela é a de que língua é o que falamos e, como professora, é o que falamos em sala de aula, além disso, por meio da fala pode-se escrever. Pelo exposto, pude destacar a ausência de conhecimentos teóricos acerca da concepção de língua e linguagem, equívocos de compreensão sobre a relação entre fala e escrita, presentes também em recortes da fala de outras professoras.

No que diz respeito à linguagem, a professora expressa, de forma muito indeterminada, vaga, que é o desenvolvimento de cada pessoa. Não consegue explicar esta afirmação, apenas diz, de modo genérico, que cada pessoa tem sua maneira de falar. Em sua definição, a professora suprime as idéias contidas na proposta acerca da concepção de língua e linguagem, isto é, omite qualquer referência ao discurso da proposta.

DP₆, inicia o seu dizer com um marcador conversacional, além disso, usa muitas pausas, antes de falar: “bom... a língua né? ela/ela abrange... éh:: a forma de que se fala né? de que se escreve éh:: num sentido assim de grafar... né? a escrita e no/no desenrolar dessa fala...”. Logo, começa a dizer que, “...e a linguagem ela vem muito do cotidiano da criança ou então do adolescente ou então do adulto em si... o adulto ele tem uma linguagem diferenciada em sua casa... em sua escola no ambiente de trabalho”. Daí, conclui: “então a linguagem ela é ampla... existem várias formas de/de fala fala/várias formas de linguagem várias formas de expressão que não deixa de ser... uma linguagem né isso? E de escrita também... eu vejo assim”.

Essa professora e as outras também apresentam uma concepção dicotômica entre linguagem e língua: “eu acho que a linguagem é a forma éh:: de como se fala cada pessoa não é? de como se expressa cada pessoa e a língua ela é:: como é que eu vou dizer?... a fala em si de uma forma mais complexa de uma forma mais estruturada não é? por exemplo a linguagem do cotidiano... éh:: a linguagem entre amigos né? e a língua não a língua é uma coisa mais esquematizada... uma coisa assim padronizada que tem regras... eu vejo ... nesse sentido”.

A professora diz a sua concepção com muitas vacilações e indefinições, por exemplo: acha que a linguagem é a forma como se fala, como se expressa cada pessoa; e a língua é a fala em si de uma forma mais complexa, mais estruturada. Que forma é essa? Ela também interroga a si mesma sobre o conceito de língua e linguagem elaborado por ela. Isto revela idéias ainda confusas ao expressar-se acerca desse tema, confundindo, assim, linguagem com língua e vice-versa.

Em nenhum momento de sua fala, a professora cita ou faz alusão à concepção de língua e linguagem apresentada pelo documento, ao contrário, demonstra omissão ou supressão em relação ao conteúdo do mesmo. Observei também, no discurso dessa professora, acréscimo de idéias, porém, essas idéias denotam vaguidão, insegurança em suas afirmações, revelando, assim, desconhecimento teórico.

Considerações finais

Esta análise do *corpus* mostrou que, ao buscar compreender a concepção

de língua e linguagem contida na proposta, as professoras utilizam esquemas de retomada diferentes, tais como: redução, supressão, acréscimo de idéias; repetição de itens lexicais, de pequenos fragmentos e criação da enunciação de outrem. Essas observações demonstram que há uma diversidade de formas de retomada do discurso de outrem.

Valendo-me de tais análises, pude constatar a presença do heterogêneo na construção do discurso das professoras. Estas, enquanto sujeitos históricos e sociais, fazem emergir sua enunciação da enunciação do outro por meio de formas diversas. Dentre essas formas, constatei que as professoras também constroem seu discurso por meio da criação, da singularidade de suas idéias. Nesse sentido, confirma-se a afirmativa de Bakhtin (2003: 326) sobre o dado e o criado no enunciado verbalizado: “[...] O enunciado sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular [...]”.

Mesmo em se considerando a análise preliminar, os dados trabalhados apontam para a importância de incluir na formação dos professores de Língua Portuguesa diferentes abordagens teórico-metodológicas sobre ensino-aprendizagem de língua(gem), posto que, para realizar sua prática pedagógica, o professor precisa conhecer seu objeto de estudo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M./VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. (1986). Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec (1ª edição, 1929).

_____. (2002). *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Equipe de tradução do russo: Aurora Fornoni Bernadini et al. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume.

_____. (2003). *Estética da Criação Verbal*. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra; prefácio à edição francesa Tzvetan Todorov. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes (1ª edição, 1979).

CUNHA, D. A. C. (2004). Uma Análise de Concepções e Conceitos: linguagem, língua, sentido, significação, gênero e texto. In: SOUSA, Maria Ester Vieira de; VILAR, Socorro de Fátima P. (Orgs.). *Parâmetros Curriculares em Questão: o ensino médio*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

_____. (2006). Enunciação – um estudo da recepção das heterogeneidades. In: *Projeto Integrado do CNPq – “Fala e Escrita: Características e Usos.”* Recife: UFPE.

Entrevistas com Professoras da Educação de Jovens e Adultos de Escolas Municipais de Ensino Fundamental da cidade de Cajazeiras-PB [jun. 2006]. Entrevistadora: Fátima Maria Elias Ramos. Cajazeiras-PB, 2006. 5 cassetes sonoros.

PRETI, D. (Org.). (2002). *Interação na Fala e na Escrita*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP.

RIBEIRO, V. M. M. (Coord.). (1997). *Educação de Jovens e Adultos*. Proposta Curricular para o 1º segmento do ensino fundamental: Língua Portuguesa. Texto final de Vera Maria Masagão Ribeiro. Ilustrações de Fernandes. São Paulo/Brasília: Ação Educativa e MEC.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. (2006). Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix (1ª edição, 1916).